



José Henrique Silveira de Brito

Aproveitando o facto de o escritor Álvaro Oliveira ter completado, no ano de 2020, 76 anos de vida, a Biblioteca Pública Luís da Silva Ribeiro, em Angra do Heroísmo, organizou um programa, apresentado nos finais de 2019, com várias iniciativas de homenagem, tais como uma exposição e mesas-redondas sobre as várias áreas a que se tem dedicado: poesia, prosa, dramaturgia, pintura e promoção e divulgação cultural.

Como, entretanto, apareceu a pandemia, as mesas-redondas passaram do auditório para a Internet, o que, apesar dos possíveis inconvenientes, teve uma vantagem: permitiu, a quem não vive na Terceira, a participação nos eventos.

Assisti à mesa-redonda sobre a prosa de Álvaro Oliveira em que os intervenientes, todos escritores açorianos, chamaram a atenção para diversos aspectos da obra do escritor.

Onésimo Teotónio Almeida falou em termos muito elogiosos do romance *Até Hoje. Memórias de Cão*, dizendo ser um dos primeiros e dos melhores romances sobre a Guerra Colonial. Tomei nota e, terminada a sessão encomendei-o à editora Companhia das Ilhas.

Dias depois, tinha o livro em casa.

Logo que abri a encomenda, dei-lhe uma espreitadela, mas tive de o colocar na fila de espera; tinha vários livros a aguardar a vez para serem lidos e, além disso, naquela altura estava a dar um curso que me consumia tempo.

Há dias peguei-lhe e só o pus de lado quando cheguei à última página.

Não foi este o primeiro romance de Álvaro Oliveira que li. Comecei pelo *Murmúrios com Vinho de Missa*, oferecido por um amigo pouco depois da sua publicação, sobre o qual publiquei uma crónica no *Diário Insular*. Pouco depois, foi a vez de *Pátio d'Alfandega*, que a minha mulher encontrou numa feira do livro, junto à Praia de Ofir, e mo ofereceu.

*Até Hoje. Memórias de Cão* também não foi o primeiro romance que li sobre a Guerra Colonial; lembro-me de dois outros: *Os Cus de Judas*, de António Lobo Antunes, e *Braço Tatuado – Retalhos da Guerra Colonial*, de Cristóvão de Aguiar, curiosamente também passado na Guiné, como o de Álvaro Oliveira.

Mas o modo como este autor nos põe na guerra com este romance é completamente diferente.

A maneira como o romancista descreve neste livro o ir para a tropa no tempo da guerra, o ser mobilizado, em

## Até hoje. Memórias de cão, de Álvaro Oliveira



o medo dos ataques e o baptismo de fogo; o lugar de destaque que o bar ganha num aquartelamento rodeado de arame farpado; a importância do tabaco, da cerveja e da chegada do correio.

Estas descrições trouxeram-me à memória o que constatei quando estive, durante 13 meses, numa Companhia de Engenharia no Norte de Moçambique. Quando parte da Companhia foi para o mato, para construir uma ponte, havia três coisas fundamentais que não podiam faltar, sob pena de protestos veementes: o correio, os cigarros e a cerveja.

Álvaro Oliveira vai mostrando como, devido ao confinamento e ao ambiente que se respira, os comportamentos dos militares, independentemente da patente, vão revelando o desgaste psicológico a que não se sabe nem se tem meios para responder convenientemente.

E, para lá de tudo isto, o leitor vai-se apercebendo da sensação de tragédia que lentamente vai dominando aqueles homens ao descobrirem, cada vez com mais evidência, que aquela guerra, sem fim à vista, não faz sentido.

Tudo isso é descrito primorosamente, num português de grande qualidade e clareza, com alusões que só uma amplíssima cultura permite criar e captando os mais variados matizes que a sensibilidade apuradíssima do autor permite distinguir.

Quem passou por África como militar, concretamente por quartéis no meio do mato, encontrará, com efeito, memória em *Até Hoje. Memórias de Cão*, do muito que viu e viveu e concordará comigo quando digo ser este um grande romance sobre a Guerra Colonial.

Mas o livro não tem apenas interesse para quem passou por África em comissão de serviço. *Até Hoje. Memórias de Cão* tem uma riqueza notável para nos ajudar a reflectir sobre o que é o ser humano e o modo como ele vai reagindo às diversas circunstâncias em que se encontra.

Paul Ricoeur, um dos grandes filósofos franceses do século XX, dizia que a literatura, o romance concretamente, é um laboratório em que o escritor projecta o humano.

Neste romance Álvaro Oliveira parte da sua experiência para nos apresentar a vida vivida, para a estudarmos, analisarmos e aprendermos. Um livro que vale a pena ler.

rendição individual, e logo para a Guiné; a chegada de chofre a um quartel miserável no meio do mato. Binda, no meio do nada; a recepção ao novato, "maçarico", acabadinho de chegar, e as suas tentativas de se adaptar ao meio; as novas e distintas amizades que se criam imediatamente ou com o tempo; a atmosfera do quartel, em termos meteorológicos, por exemplo o calor húmido insuportável e as chuvadas diluvianas que começam a cair de um momento para o outro; e em termos psicológicos, uma atmosfera que se vai tornando irrespirável, levando a comportamentos diversíssimos e imprevisíveis, que podem conduzir ao suicídio.

O tempo, parado, não anda; os dias parecem não ter fim.

O pressentimento de que o inimigo anda por perto;

Dionísio Fernandes  
dionisio.azores@gmail.com

## A brecha no muro

# Disciplina

quando a maior parte de nós lê a palavra disciplina talvez a primeira associação que se faz é a submissão e obediência.

Mas há outros "usos" para ela.

Disciplina. Ela é necessária para fazer um montão de coisas, desde ioga, ler, concentrar para ler. Estudar, aprender, dizer não, isto e aquilo ... como dança. O dançarino precisa disciplinar os seus músculos, e os seus gestos para alcançar a mestria que deseja.

Quando alguém te diz que precisas "crescer", no fundo, mesmo que esta pessoa não tenha plena consciencia do que está a dizer, a "coisa" em questão é criar uma estrutura social, emocional e também

(talvez) económica (no sentido de independência individual, de país, etc). E para criar estas estruturas precisas de objectivos e de disciplina para os atingir de forma rápida, coerente, eficiente.

Para estudares. Quando conheces alguém que te diz que não consegue aprender matemática ou alguma área da matemática, ela apenas não criou ainda a estrutura cognitiva para lidar com as situações expostas. E ela vai necessitar de disciplina para as conseguir criar.

Temos o mesmo com o medo e o com o pânico. Não criamos as estruturas emocionais e cognitivas para lidar com situações inesperadas, etc.

No entanto há quem pareça que "tenha nasci-



do com este ou aquele dom", ou devo dizer aptidão para lidar com determinada coisa, como para a música ou para o futebol. Mas ele ou ela "apenas" teve a "sorte" de possuir estas estruturas. Mas querer ser "mestre" terá de se disciplinar para o conseguir. haja saúde